

Motor amaciando

Depois de ouvir de um amigo do peito de Itamar Franco todas as razões pelas quais o ex-embaixador acha que, de fato, pode ser candidato pelo PMDB, a impressão que se tem é que ele está como o dono de carro novo que antigamente circulava com um cartaz no vidro de trás: "Motor amaciando."

Há anos não se vê a cena. Portanto, os medianamente jovens sequer entenderão a comparação. O aviso tinha por objetivo pedir paciência aos outros motoristas pela lerdice e às vezes um certo titubeio do veículo, ainda não de todo preparado para andar na velocidade do bólido ao lado.

Mas como de um acidente nem a mais poderosa das máquinas está livre, eis que Itamar decidiu incluir seu nome na lista de espera. Integrada, aliás, de acordo com essa análise, por muito mais gente que hoje é aliada mas que, amanhã, se o céu já não for mais de brigadeiro, não hesitará também em tentar a disputa da presidência.

Por isso, Itamar preferiria só ter de se apresentar em junho, quando o quadro estará mais definido. Mas, como os governistas do PMDB resolveram dizer que querem se aliar a Fernando Henrique não porque seu governo seja ótimo mas porque o partido não tem nomes para disputar a eleição, ele resolveu se antecipar.

A decisão, jura por Deus e todos os santos o amigo de Itamar, não faz parte de um jogo de cena pelo qual o ex-presidente busca se valorizar politicamente para concorrer ao governo de Minas, atazanar Fernando Henrique Cardoso ou simplesmente arrumar alguma coisa para fazer antes de assumir uma nova embaixada, quem sabe a de Roma.

De forma alguma. Pela versão itamarista da história, todas essas hipóteses fazem parte de uma campanha – segundo esse raciocínio, boa parte dela originária no governo FH e outra na mídia inimiga – para ridicularizar Itamar e desviar a atenção daquilo que é fato incontestável: o ex-presidente deixou o cargo com uma popularidade bem maior que a que tem hoje Fernando Henrique e teria, neste momento, todas as condições de capitalizar as insatisfações populares e partidárias contra o atual governo.

O aparente desdém com que Itamar trata as lideranças pemedebistas, que reclamam não terem sido procuradas para articular a candidatura, e os delegados à convenção de 8 de março, que não serão objeto de cabala de votos, também recebe uma explicação: quanto aos líderes, Itamar acha que é tão pemedebista quanto eles e que também poderia ter sido procurado para conversar, o que não aconteceu. No caso dos convencionais, o ex-presidente considera que ainda não é o caso de buscar votos, já que a preliminar sobre a candidatura própria ou aliança com FH ainda não foi decidida.

Se vencer a tese da candidatura própria, Itamar Franco, garante o amigo, sai em campo para ser o escolhido na convenção de junho. Se ganhar a aliança, aí ele pensa o que faz. Não exclui de antemão nenhuma hipótese, nem mesmo a da embaixada, mas assegura que o assunto nunca foi tratado entre ele e o sucessor.

Neste momento, no entanto, nem de longe dá a briga por perdida. Acha que os caciques de Brasília não estão avaliando corretamente as circunstâncias das dificuldades regionais do partido, frente aos aliados preferenciais de Fernando Henrique – PSDB e PFL –, e que a tese da candidatura própria pode prevalecer na somatória de insatisfações locais. Se isso de fato acontecer, Itamar conta receber de fora – daqueles partidos que já fazem acenos positivos – boa parte do apoio que lhe faltará dentro do partido.

E, desde já, sonha com o embate direto entre ele, FH e ninguém mais.